

Marcas da colonização impressas no corpo e na alma das  
mulheres: a implacável linguagem do padrão de beleza  
inalcançável

Marks of colonization printed on the body and souls of  
women: the unrelenting language of the unreachable beauty  
pattern

Marcas de la colonización impresas en el cuerpo y en el  
alma de las mujeres: el implacable lenguaje del patrón de belleza  
inalcanzable

Giêdra Ferreira da Cruz  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Iris Nunes de Souza  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

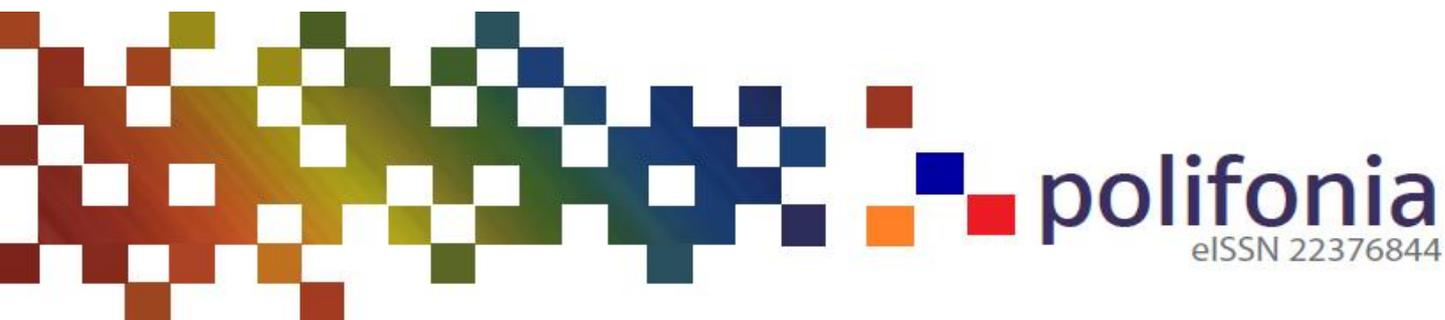
#### Resumo

Nosso trabalho encontra-se no *locus* enunciativo da Linguística Aplicada, posto que, entendemos a língua como prática social e, por consequência, representação identitária e cultural de um povo. Temos como objetivo discutir e problematizar a colonização do corpo das mulheres e suas marcas físicas e psicológicas, apontando as possíveis soluções para desconstrução do protótipo de mulher imposto pela colonização e legitimada pelo capitalismo. A nossa geopolítica é constituída pela ilustração das mulheres em territórios colonizados, especificamente no Brasil, na perspectiva de duas professoras de línguas estrangeiras (espanhol e inglês), em território do interior da Bahia. Compreendemos o pluricentrismo e complexidade do fenômeno, por isso, a metodologia encontra-se no escopo qualitativo. Sendo assim, a Hermenêutica Pluricêntrica e a desobediência epistêmica, na perspectiva de(s) colonial, são as bases para analisar os fenômenos elencados. Além disso, constituímos o *corpus* deste estudo a partir de enunciados midiáticos em forma de poesias, canções e artigos de opinião. As conclusões, inerentes a esta investigação, apontam para a necessidade de descolonização de nossos sentidos; bem como para a imprescindível valorização de nossos corpos e, por conseguinte, de nossas imagens que são concretizadas por meio das linguagens.

**Palavras-chave:** corpo, de(s)colonização, linguagem.

#### Abstract

Our study is in the enunciative scope of Applied Linguistics, since we understand language as a social practice and, consequently, as identity and cultural representation of people. Our objective is to discuss the



colonization of women's bodies and their physical and psychological traits, pointing out possible solutions for deconstructing the prototype of women imposed by colonization and legitimized by capitalism. Our geopolitics is constituted by the illustration of women in colonized territories, specifically in Brazil, from the perspective of two foreign language teachers (Spanish and English), in the State of Bahia. We understand the pluricentrism and complexity of the phenomenon, therefore, we adopted a qualitative methodology. Thus, Pluricentric Hermeneutics and epistemic disobedience, from the perspective of decolonization, are the basis for analyzing the phenomena presented in this study. Furthermore, we constituted the corpus of this investigation from media statements in the form of poetry, songs, and opinion articles. The conclusions inherent to this investigation point to the need of decolonizing our senses; as well as valuing our bodies and, therefore, our images which are materialized through language.

**Keywords:** Body, decolonization, language.

### Resumen

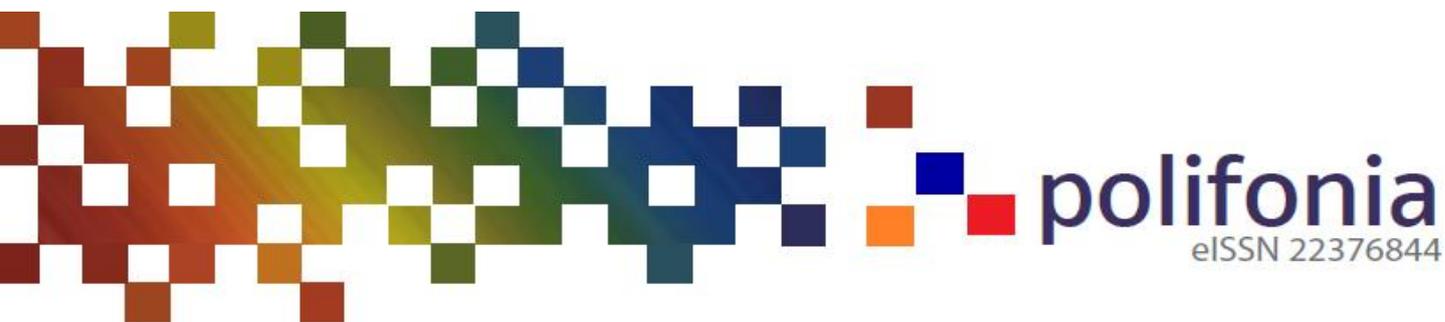
Nuestro trabajo se encuentra en el *locus* enunciativo de la Lingüística Aplicada, puesto que entendemos la lengua como práctica social y, luego, representación identitaria y cultural de un pueblo. Tenemos como objetivo discutir y problematizar la colonización del cuerpo de las mujeres y sus marcas físicas y psicológicas, señalando las posibles soluciones para desconstrucción del prototipo de mujer impuesto por la colonización y legitimada por el capitalismo. Nuestra geopolítica está constituida por la ilustración de las mujeres en territorios colonizados, específicamente en Brasil, en la perspectiva de dos profesoras de lenguas extranjeras (español e inglés), en territorio del interior de Bahía. Comprendemos el pluricentrismo y la complejidad del fenómeno, por eso, nuestra metodología se desarrolla a partir de la perspectiva cualitativa. Así que, la Hermenéutica Pluricéntrica y la desobediencia epistémica, en la perspectiva decolonial, son las bases para el análisis de los fenómenos subrayados. Además, constituimos el *corpus* de este estudio a partir de enunciados mediáticos en forma de poesías, canciones y artículos de opinión. Las conclusiones, inherentes a esta investigación, indican la necesidad de la decolonización de nuestros sentidos; así como para la imprescindible valorización de nuestros cuerpos y, luego, de nuestras imágenes, que son concretizadas por los lenguajes.

**Palabras clave:** Cuerpo, Decolonización, Lenguaje.

### Introdução

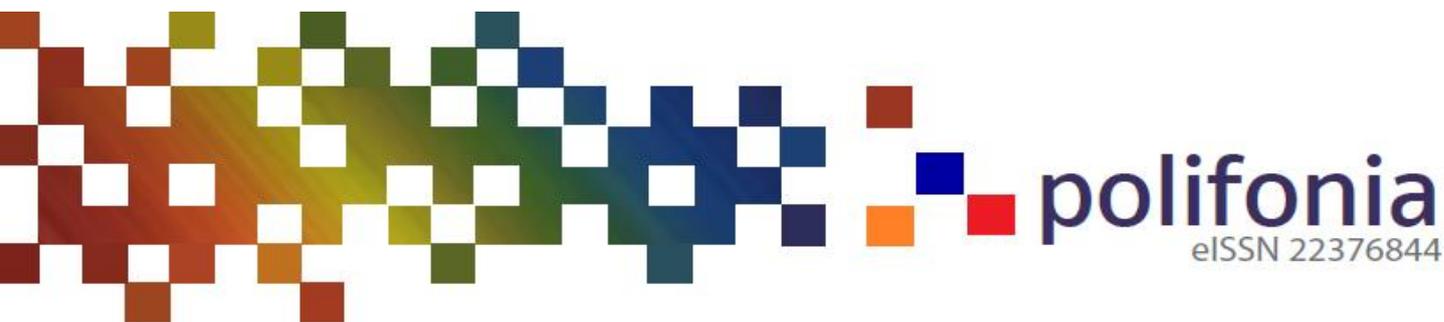
Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida,  
o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito  
(FANON, 2008, p.34)

Se há algo incontestável na história de nós, mulheres, é a intensa batalha para emancipação dos nossos corpos, desvinculá-los dos enunciados que permanecem com a nefasta propagação de que sejamos produto comercial. Decerto que a colonização e o



capitalismo são extremamente fortes, a ponto de trazermos suas marcas em discursos, sejam orais ou escritos, porém, a pior imagem produzida é a que se encontra impressa em nossos corpos, nossas almas, nossos sentidos, pois, como enunciou Fanon (2008, p.34) “Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” A partir da cultura metropolitana, concretizada nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa, discutiremos os estragos da colonização que também é refletida na autoestima de mulheres, levando-as a exaustão da busca e, muitas vezes, ao encontro com a morte do corpo, pois a alma de muitas de nós morre antes dele.

Este estudo encontra-se no *locus* enunciativo (BAPTISTA, 2017, 2019; SPIVAK, 2010; RIBEIRO, 2017) da Linguística Aplicada, posto que entende a língua como prática social (PARAQUETT, 2018, 2019; MENDES, 2012, 2015) e, por consequência, representação identitária e cultural de um povo. A nossa geopolítica (CASTRO GOMEZ-GROSGOUEL, 2007, 2016; MIGNOLO, 2003, 2008, 2013, 2016, 2017; QUIJANO 1992, 2005) é constituída pela ilustração das mulheres em territórios colonizados, especificamente o Brasil, na perspectiva de duas professoras de línguas estrangeiras (espanhol e inglês), em território do interior da Bahia. Sendo assim, a Hermenêutica Pluricêntrica e a desobediência epistêmica, na perspectiva de(s)colonial (BAPTISTA, 2019; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; FANON, 1965, 2008; GROSGOUEL, 2016; QUIJANO, 1992, 2005; MIGNOLO, 2008, 2013; WALSH, 2005, 2006, 2017) são as bases de análise dos fenômenos aqui elencados. Além disso, o *corpus* deste estudo está composto por enunciados midiáticos, estejam eles em forma de poesias, canções ou artigos de opinião, com o objetivo de discutir e problematizar práticas coloniais e, por conseguinte, do capitalismo e patriarcado impressos, vertiginosamente e desenfreadas, no corpo e alma de mulheres, pois:



[...] a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo, uma solução deve ser encontrada. E é inútil vir com ares de *mea culpa*<sup>1</sup>, proclamando que o que importa é salvar a alma. Só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares (FANON, 2008, p.29).

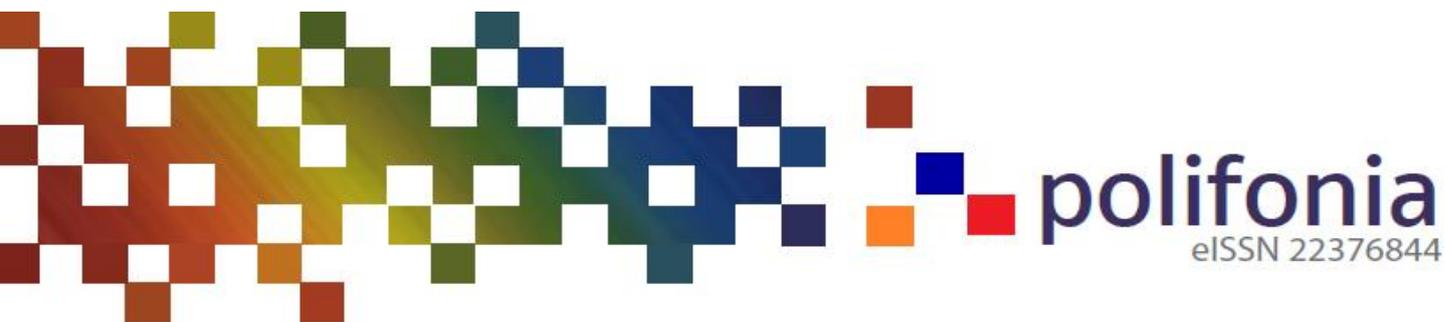
Quaisquer mudanças requerem o caráter concreto do que se deseja mudar, ou seja, o visível, o audível, o olfativo, o gustativo, mas, acima de tudo, o palpável. O sensorial é insuficiente para causar mudanças, pois o que não se vê, encontra-se na subjetividade e essa, é relativizada. A dor, a angústia, a sensação de incapacidade, o vazio, a procura por seu lugar no universo, as marcas psicológicas e da alma não são visíveis. Como apontar, analisar e observar os silêncios e as atitudes de mulheres escravizadas por um ideal mutável, distante e inalcançável, como a beleza que se estampa nas redes sociais, nas propagandas de cosméticos, nas revistas de moda e, também, nas passarelas dos centros comerciais? Esse é um tipo de violência trazido pelos colonizadores, perpetrado pelo patriarcalismo e legitimada pelo capitalismo, como mudar esta realidade tão perversa, porém, de aparência glamourizada?

A colonização nos despiu de nós mesmas, nos fez/faz reféns de seus modelos de vida, epistêmicos e ontológicos, e nos plasma como se fôssemos massa de modelar, fantoches manipuláveis. Por essa razão, passou da hora de rever nossos sentidos colonizados, mudar e extirpar, completamente, esse olhar inferiorizado sobre nós. É importante que esclareçamos que “nos deram espelhos e vimos um mundo doente”<sup>2</sup> e é necessário que mostremos nossa visão sobre as vendas que nos fazem usar, retirar as mordanças e gritar nossos silêncios, pois todas as construções sobre nós e nossos corpos

---

<sup>1</sup> Grifo do autor.

<sup>2</sup> Verso da música Índio de Renato Russo, Álbum 2 do grupo Legião Urbana em que o compositor era o vocalista. Ano 1986. Disponível em: <http://www.legiaourbana.com.br/does.html>.



nos contaminam, logo, nos adoecem, mortificam as nossas almas e a consequência é a falência dos corpos a caminho da inexistência. De acordo com Fanon (2008),

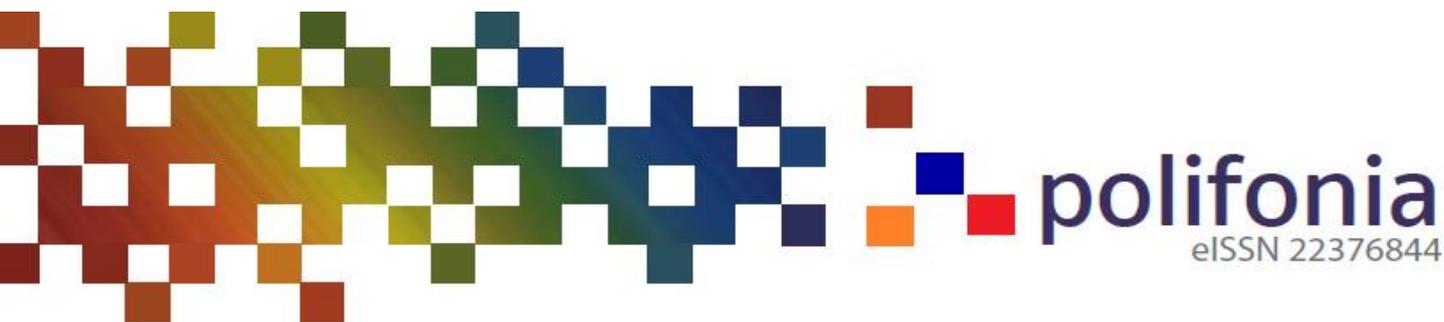
Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente a minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado (FANON, 2008, p. 29).

Sem incorrer no anacronismo, este trabalho possui a arquitetura do tempo presente, porém, com as marcas do passado e de seus desdobramentos; após séculos de embates, dominação e universalização de saberes. Desconstruir o que nos apresentaram/apresentam é um papel que devemos assumir agora. A primeira atitude de desconstrução e descolonização é a dos sentidos, dos corpos. Assim, voltaremos para nós e não mais buscaremos a legitimação do outro que nos desconhece e nos ignora.

A linguagem do corpo e de almas será colocada em xeque para podermos descolonizar nosso *ethos* e personalizar nossos enunciados por meio da(s) língua(s) que nos constituem como cidadãos ontologicamente plurais. Vale ressaltar que o fato de descolonizarmos nossos sentidos, não significa a destruição do que está posto, mas, sobretudo, demonstrar que há outros olhares e construções, não há, apenas, uma única face dessas histórias, desses corpos. Por isso, falamos de nós, para nós, daqui e de lá.

## **1. A busca pela aparência perfeita**

Quando o poeta Vinícius de Moraes enunciou: “*As feias que me desculpem, mas beleza é fundamental*” em seu poema Receita de Mulher, de 1957, expressou, brilhantemente, a colonização de seus sentidos. O diplomata, conhecedor de diversas culturas, demonstrou como a limitação imposta pelos colonizadores o fez reverberar a



construção de nossos corpos, tal qual, Pero Vaz de Caminha, ao descrever nossa população aborígene. Falando de outra maneira, o poeta foi plasmado e difundiu exatamente o olhar do colonizador sobre nós, mulheres. Para exemplificar, observemos essa primeira estrofe do seu poema:

Receita de Mulher  
 As muito feias que me perdoem  
 Mas beleza é fundamental. É preciso  
 Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
 Qualquer coisa de dança,  
 qualquer coisa de *haute couture*  
 Em tudo isso (ou então  
 Que a mulher se socialize  
 elegantemente em azul,  
 como na República Popular China).  
 Não há meio-termo possível. É preciso  
 Que tudo isso seja belo [...] (Moraes, 1957).<sup>3</sup>

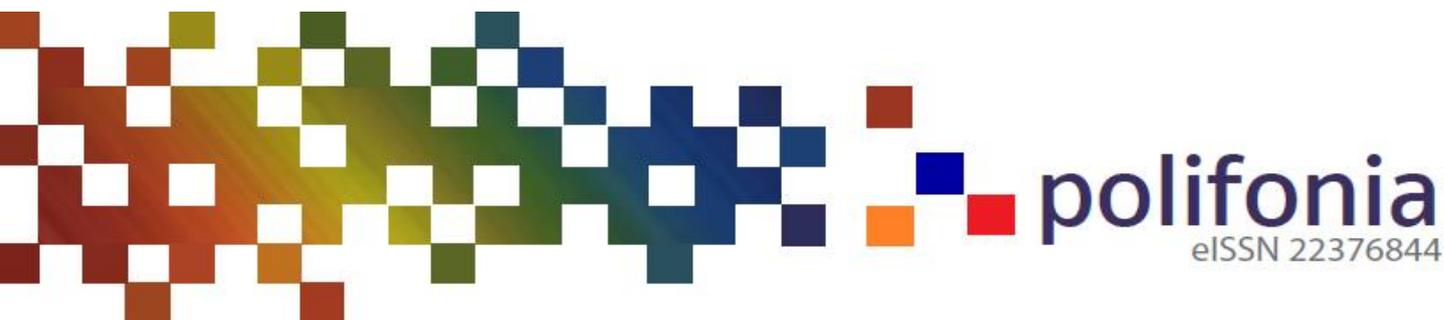
Começemos por analisar o título do poema, ou melhor, a palavra **receita**. De acordo com o dicionário on-line de Português, esse termo é

**Significado de Receita<sup>4</sup>**  
 Substantivo feminino. Valor que é recebido, arrecadado ou apurado: receita mensal. Conjunto dos rendimentos de um Estado, uma sociedade, um indivíduo. Cômputo do que se há de receber. Fórmula de prescrição médica, com os medicamentos a serem tomados: receita médica. *Fórmula para preparar alguma coisa, especialmente produtos industriais ou de uso doméstico. [Figurado] Indicação relativa ao modo de proceder; paradigma, modelo: receita de boas maneiras. Fórmula que expõe os ingredientes e o modo de preparo de um bolo, comida. Fórmula que traz uma exposição da composição ou do modo de preparo de um medicamento. [Figurado] Fórmula ou método para conseguir o melhor efeito ou resultado de algo. [grifo nosso]* Expressão Receita Federal [...].

Vejamos que, de acordo com o verbete, a receita pode ser um paradigma, um modelo a ser seguido, sobretudo se se deseja um bom resultado, ou melhor, o resultado

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/vinicius-de-moraes/receita-de-mulher.html>.

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/receita/>.



de acordo com a receita. Assim, um dos compositores de *Garota de Ipanema* (1962), dá-nos uma receita de como devemos ser e nos comportar, inclusive, sugere que nos vistamos com a *haute couture* (alta-costura). Com esse enunciado, o poeta delimita seu *locus* enunciativo, restringe a beleza à questão de classe social. Nessa direção, o poeta segue apontando as características que devem existir em uma mulher considerada bela, consoante a sua visão colonizada.

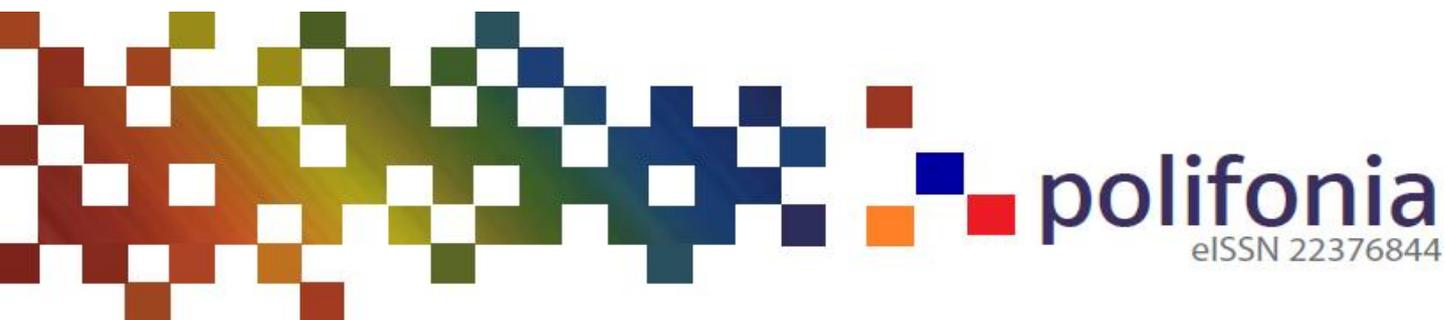
Em 1962, Vinicius de Moraes e Tom Jobim conseguem transformar a composição “*Garota de Ipanema*” quase como sinônimo de Brasil mundo a fora. Estabelecendo uma comparação entre as duas composições, no primeiro poema, de 1957, o poeta dá a receita de como deveria ser uma mulher bela, conforme seus conceitos e, no segundo, ele demonstra o “produto” de sua receita, visto que o poema, segundo Fuks (2022, online), fora feito em homenagem a uma mulher loira, alta, olhos claros... logo, é um “produto concreto”, na qual, Vinicius e Jobim chamam a atenção do público com o vocativo: “Olha”<sup>5</sup>. Nas expressões dos compositores:

Olha que coisa mais linda  
 Mais cheia de graça  
 É ela, menina  
 Que vem e que passa  
 Num doce balanço  
 A caminho do mar  
 Moça do corpo dourado  
 Do sol de Ipanema  
 O seu balançado é mais que um poema  
 É a coisa mais linda que eu já vi passar [...]

Os supracitados e respeitados compositores não são os únicos a coisificarem as mulheres, uma vez que essa é uma das “heranças” mórbidas da colonização. Sabemos que a obra é do século passado, entretanto, continua “encantando” o mundo, ou seja, continua

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.culturagenial.com/musica-garota-de-ipanema/>.

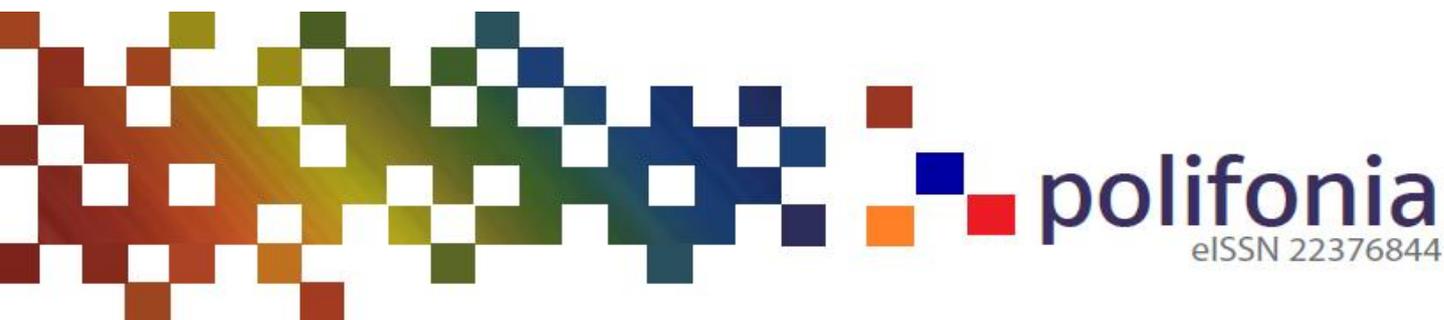


presente no imaginário das pessoas a garota da receita, ainda que a homenageada não esteja com as mesmas características de outrora, pois, não é mais “menina”. Sendo assim, poderíamos dizer que, se Vinícius pudesse homenagear, mais uma vez, a inspiradora da canção, ele continuaria fazendo a homenagem a mesma mulher, já que, segundo seus padrões, não bastava ser ela, tinha que ser “menina”?

Por certo, após tanto tempo, as formas que o poeta cita, certamente, não existem mais, da mesma maneira, na mesma mulher. Essas receitas e seus paradigmas de beleza consomem, literalmente, muitas mulheres há séculos. É uma das violências utilizada pelo patriarcado e o capitalismo como forma de nos aprisionar, afetar e humilhar. Muitas mulheres têm verdadeiro pavor ao tempo, a idade cronológica, a alguns quilos a mais etc. Na verdade, nunca estão satisfeitas com seu corpo, com sua imagem, justamente, por não fazerem parte do paradigma das inúmeras receitas. Embora tenhamos conquistado direito à universidade, espaços profissionais, dantes inimagináveis, como piloto de aeronave, entre outros, nossos corpos permanecem presos, pois não bastam atributos como competência e sensatez.

O patriarcado e o capitalismo manipulam nossos corpos desde sempre, não nos deixam respirar livremente. Já controlaram a reprodução, o conhecimento e a nossa resiliência, porém, nunca é o bastante, pois, como não puderam comprovar que somos incompetentes, constroem mecanismos em que a dominação dos corpos e suas respectivas humilhações permaneçam fabricando prisões e, no caso desse cárcere, a prisão é perpetua, se não buscarmos a chave da liberdade dentro da própria prisão, ou seja, dentro de nós.

A construção fictícia da mulher perfeita, com corpo escultural e rosto de “boneca de porcelana” tem sua caracterização de feminilidade, mulher feminina, no que resulta em outra ficção, já que, as mulheres que não se enquadram nesse prospecto, não são femininas e, por isso, devem ser rechaçadas. A maioria dessas rechaçadas fazem parte do grupo de mulheres já libertas, feministas, que hoje, para deslegitimar os movimentos,



estão utilizando a nossa luta por igualdade de gênero como antônimo de feminino.

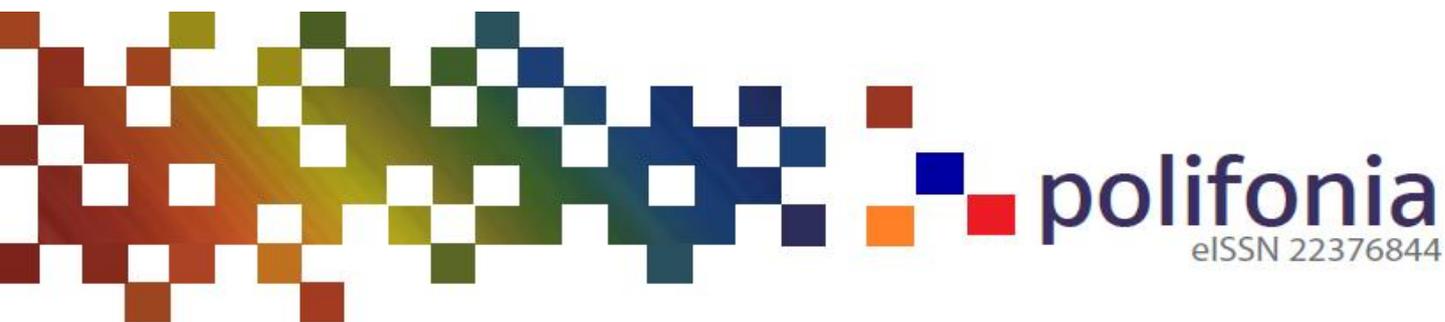
Destarte,

Embora essas ficções trabalhosas e absorventes quanto ao papel da mulher tenham se adaptado para ressurgir na Mística Feminina do pós-guerra, quando a segunda onda do movimento das mulheres desmontou aquilo que as revistas femininas retratavam como o “romance”, a “ciência” e a “aventura” dos afazeres domésticos e da próspera vida em família, elas por um tempo foram derrotadas. A enjoativa ficção doméstica da “família reunida” perdeu seu sentido, e as mulheres de classe média saíram em massa de dentro de casa (WOLF, 2020, p.33-34).

Entretanto, isso não foi o suficiente para derrotar o patriarcado e tudo que nele se encontra. Já que não conseguiram aprisionar as mulheres em um falso lar, romantizado pela indústria capitalista, tiveram que prendê-la, de alguma forma, e não poupam esforços para isso. Nas palavras de Wolf (2020),

Foi assim que as lendas simplesmente se transformaram mais uma vez. Como o movimento das mulheres conseguira desfazer a maioria das outras ficções necessárias da feminilidade, a função de controle social, que antes distribuía por toda a trama dessas lendas, precisou ser relocada para o único fio que permanecia intacto, o que o reforçou imensamente. Voltaram a ser impostos ao corpo e ao rosto das mulheres liberadas todas as limitações, os tabus e as penas das leis repressoras, das injunções religiosas e da escravidão reprodutiva que já não exerciam influência suficiente. A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável, porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras. Como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçadas a abrir um espaço mais justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência feminina (WOLF, 2020, p.34).

Ainda nas palavras de Wolf (2020, p. 34), foi recorrendo a conceitos de ‘beleza’, que a mulher “construiu um mundo feminino alternativo, com as próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os de qualquer época passada”. Sendo assim, a colonização, em parceria com o capitalismo, tem gerado as indústrias escravocratas de corpos e sonhos. Sobretudo, quando patrocinadas e ovacionadas por pessoas com poder enunciativo como os



compositores supracitados. Elas detêm uma força dominadora e devastam vidas. Como lutar contra tantas opressões industrializadas e ratificadas pelo *ethos* cotidiano?

## 2. Capitalismo e naturalização de assédio

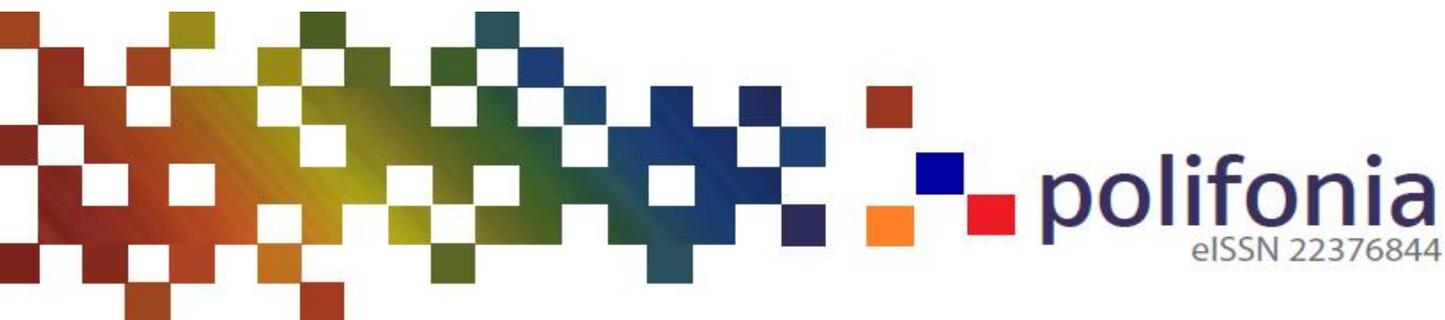
Quando abrimos uma página na internet, seja ela por qualquer provedor, saltam aos nossos olhos inúmeras propagandas, porém, não são quaisquer publicidades aleatórias, são direcionados a nós mulheres, de acordo com o nosso gosto, nossas escolhas e nosso perfil, ou seja, são publicidades personalizadas. Prova disso acontece quando abrimos o nosso e-mail e encontramos uma série de produtos também direcionados a nós. Como isso acontece? Basta procurarmos quaisquer coisas nos sites de busca ou caracterizar nosso perfil nas redes sociais, pronto, somos bombardeadas de anúncios.

O capitalismo naturalizou o ato de assédio, via internet. Uma das grandes provas desse esquema de coletas de perfis foi o escândalo relativo ao *Facebook* e o *Google*, vindos a público, com ênfase, a partir do filme produzido pelo serviço de *streaming* Netflix: *Privacidade Hackeada*, das diretoras Jehane Noujaim e Karin Amer. O documentário expõe detalhes da coleta de dados de usuários do *Facebook*, para a empresa Cambridge Analytica<sup>6</sup>. Segundo Vieira, jornalista e redator do Canaltech, em notícia publicada em 26 de julho de 2019, no canaltech.com.br: “A produção da Netflix<sup>7</sup> também conta com a participação da jornalista investigativa do The Guardian, Carole Cadwalladr, que expõe como ocorreram as descobertas em torno do escândalo, e, também de Julian Wheatland, ex-diretor de operações da Cambridge Analytica”. Tudo isso sinaliza que estamos com todos os nossos dados expostos, nossas vidas nas mãos do capitalismo selvagem, nossos sonhos usados contra nós.

---

<sup>6</sup>Informações sobre a Cambridge Analytica disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge\\_Analytica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Analytica).

<sup>7</sup>Disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/privacidade-hackeada-filme-da-netflix-traz-reflexao-sobre-privacidade-on-line-145023/>.

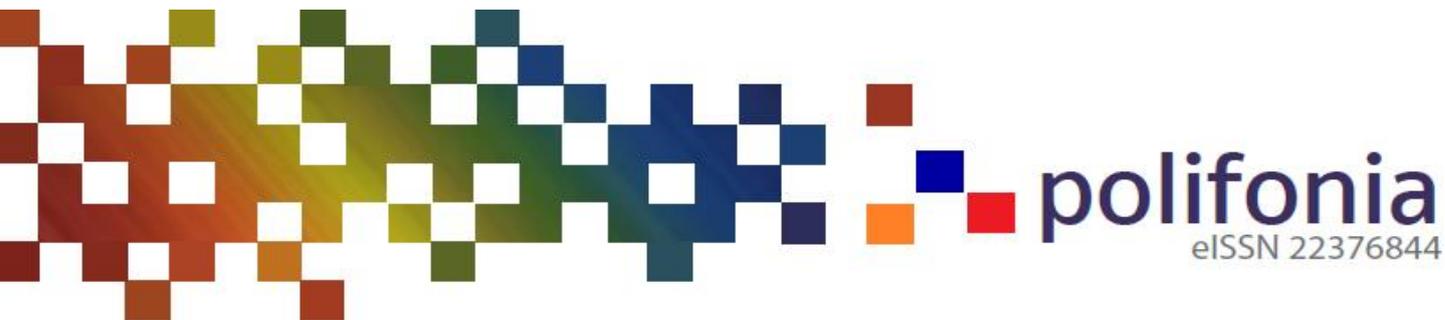


O assédio na internet, muitas vezes, é glamourizado pelos usuários das redes sociais. Como isso é realizado? Pelas competições de quem consome as melhores marcas de produtos de beleza, roupas, acessórios e estampam nas fotografias do *Instagram*, *Facebook* etc. e essas disputas são tão acirradas que, agora, há comemorações por quantidade de seguidores nesses espaços virtuais, pois quem tem um maior número de seguidores é contratado por empresas para fazer a publicidade de seus produtos, e isso faz com que esse usuário das redes passe a ser denominado de *digital influencer* (nova profissão derivada das redes sociais) gerando, além de capital para o *influencer* e as empresas que o contratam, uma nova “celebridade”.

Todo esse contexto, além de acentuar transtornos psicológicos a todos os envolvidos, no que concerne às mulheres, ainda há o apelo da beleza irreal, promovida pelos aplicativos, de alguns desses espaços, e ratificada por indústrias de cosméticos, procedimentos estéticos e cirurgias plásticas, o que significa, assédio por todos os lados e lugares *online*. Por isso, a alucinação inconsciente adquire

[...] influência e abrangência cada vez maiores por conta do que hoje se tornou uma manipulação consciente do mercado: indústrias poderosas – a das dietas, que gera US\$33 bilhões por ano; a dos cosméticos, US\$ 20 bilhões; a da cirurgia plástica estética, US\$ 300milhões; e a da pornografia com seus US\$ 7 bilhões- cresceram a partir do capital composto por ansiedades inconscientes e conseguem, por sua vez, através de sua influência sobre cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral econômica ascendente (WOLF, 2020, p. 35-36).

Nessa perspectiva, os assédios desencadeadores do desequilíbrio das mulheres não são uma “particularidade” das sociedades contemporâneas, nossas ancestralidades sofreram, de forma diferente, porém, tão avassaladora quanto essa, na mente e na carne a perseguição patriarcal, porém, conseguiram conquistar alguns “privilégios” de que dispomos hoje. No entanto, as razões para que nos reprimam e suprimam, continuam sendo as mesmas, posto que:



As possibilidades para as mulheres se tornaram tão ilimitadas que ameaçam desestabilizar as instituições das quais depende uma cultura dominada pelos homens; e uma reação coletiva de pânico por parte de ambos os sexos forçou a busca de imagem que se contraponha a elas (WOLF, 2020, p.36).

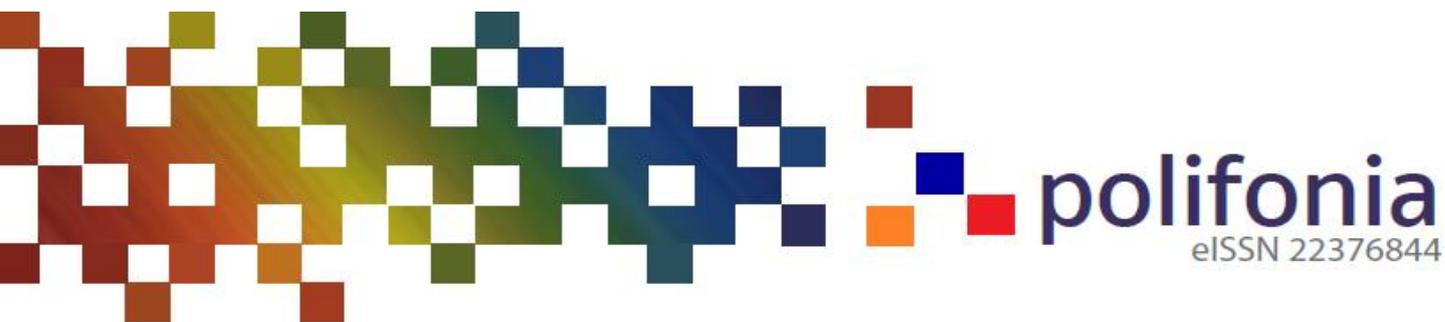
As mulheres sempre foram ameaças reais para o patriarcado, logo, as criações de linguagens implícitas são recriadas de forma cada vez mais secreta, a ponto de se transformarem em corriqueiras e, por conseguinte, “naturais”. Constatado isso, é vital que nos apropriemos das línguas que traduzem essas linguagens e, assim, descolonizemos nossos sentidos. Sem vendas é mais fácil lutar, pois se enxerga o inimigo.

### 3. Perder o medo para harmonizar alma e mente

Wolf (2020) explica, didaticamente, como a perseguição às mulheres trocam de nomes e tempo nas sociedades patriarcais, mas o rosto é o mesmo: o terrorismo. A autora destaca o fato das feministas estarem exaustas por tantas lutas e não perceberem que essas batalhas reverberem nas atuais jovens. Porém, é perceptível que as ondas reacionárias que continuam, reconstroem seus instrumentos de tortura a cada nova geração.

As mulheres que vieram antes de nós, conquistaram o direito ao voto, a liberdade de opinião, a possibilidade de legislar etc. No entanto, como vivemos sob o domínio das relações de poder, o patriarcado, poderoso vilão, fere, por isso, “cresceram em ritmo acelerado os transtornos alimentares, e a cirurgia plástica de natureza estética se tornou uma das especialidades médicas de mais rápida expansão” (WOLF, 2020, p. 26). Isso demonstra que o capitalismo lucra muitíssimo com o sofrimento de milhões de mulheres em busca dessa *pseudo* beleza. Sendo assim, uma das piores constatações é o fato de que pesquisas revelam

[...] que, no mundo ocidental, entre a maioria das mulheres que trabalham, tem sucesso, são atraentes e equilibradas, existe uma “subvida” secreta que envenena nossa liberdade: impregnada de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (WOLF, 2020, p. 26).



Essa doença glamorosa do mercado da beleza é tão perniciosa que afasta as mulheres de si mesmas e, por certo, de suas conquistas, além de colocar uma venda escura em seus olhos. A corrida para harmonizar a face, esculpir o corpo, está mutilando muitas vidas, em busca desse ideal feminino e isso desencadeia um desvario, posto que

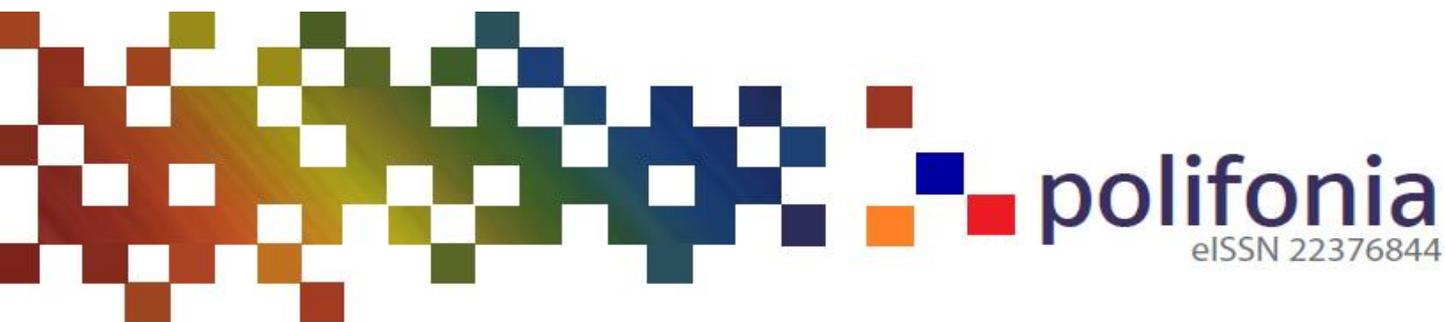
A alucinação resultante se materializa para as mulheres como algo extremamente real. Por já não ser uma ideia, ela se torna tridimensional, encarnando em si a forma pela qual as mulheres vivem e não vivem. Ela se transforma na Donzela de Ferro. A Donzela de Ferro original era um instrumento de tortura na Alemanha medieval, uma espécie de caixão com a forma de um corpo, que trazia pintados os membros e o rosto de uma jovem bela e sorridente. A pobre vítima era ali encerrada sem pressa. Quando a tampa fechava, a vítima ficava imobilizada e morria de inanição ou, de modo menos cruel, morria perfurada pelos espigões de ferro encaixado na parte interna do caixão. A alucinação moderna que prende as mulheres, ou na qual elas mesmas se prendem, é, da mesma forma, cruel rígida e adornada de eufemismos (WOLF, 2020, p. 36).

Podemos perceber que a inanição atual acontece em forma dos transtornos alimentares como Bulimia e Anorexia, cirurgias estéticas que, às vezes, acabam levando a mulher ao óbito, além de inúmeros procedimentos que mutilam, diariamente, as mulheres em busca do corpo *fitness* demonstrado, aplaudido e reverenciado pela mídia e redes sociais. Vejamos o seguinte exemplo:

Imagem 1: Captura de tela de manchete no site Hypeless



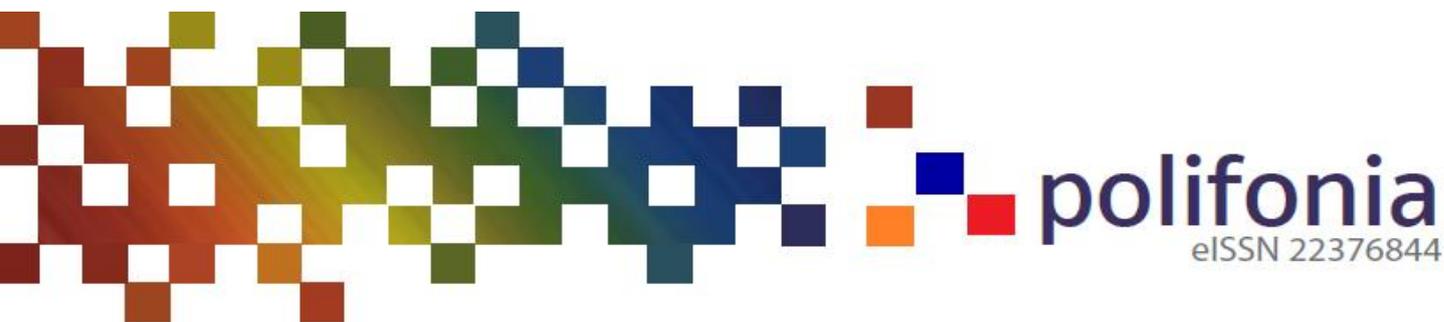
Fonte: Disponível em: <https://www.hypeless.com.br/2021/03/padroes-de-beleza-as-consequencias-graves-da-busca-por-um-corpo-idealizado/>.



A discussão destacada por Ferreira (2021, online), na Imagem 1, em que “os padrões de beleza são conjuntos de normas estéticas que desejam formatar como deve ou não deve ser o corpo e a aparência das pessoas”, demonstra que essa formatação esvazia e apaga o ser de si mesma, impondo ao corpo essa busca “insana” que afeta negativamente a nossa psique. O autor, ainda nessa mesma notícia, ressalta que “tais imposições, entretanto, parecem que se intensificam cada vez mais e as consequências da busca por padrões de beleza se tornam cada vez mais graves”. Na realidade, esse aprisionamento é derivado do capitalismo, posto que as mulheres são consumidoras em potencial, sobretudo quando são pressionadas a crer que não são suficientes para o mercado dos olhares. A avalanche de dinheiro movimentada pelas indústrias de cosméticos e procedimentos estéticos são sustentadas, majoritariamente, pela escravização de nós, mulheres. Diante dessa realidade, Wolf (2020) constata e questiona:

Por que motivo a ordem social sente necessidade de se defender evitando a realidade de mulheres, nosso rosto, nosso corpo, nossa voz, e reduzindo o significado das mulheres a essas “belas” imagens formuladas e reproduzidas infinitamente? Embora ansiedades pessoais e inconscientes possam representar uma força poderosa na criação de uma mentira vital, a necessidade econômica, praticamente garante sua existência. Uma economia que depende da escravidão precisa promover imagens de pessoas escravizadas que “justifiquem” a instituição da escravidão (WOLF, 2020, p.36-37).

Posto isso, a necessidade da descolonização de nossos corpos precisa ser finalizada, naufragada e nunca mais erigida. Em outras palavras, faz-se urgente descolonizar a nossa visão, para que enxerguemos os desmandos sociais, promovidos pela sociedade androcêntrica capitalista; descolonizar o nosso olfato, a fim de que sintamos o odor pútrido das ações cotidianas do patriarcado; descolonizar o paladar, com o objetivo de experimentar nossas raízes e, assim, expelir, de vez e para sempre, o machismo, o consumismo exacerbado; descolonizar a audição, para que possamos ouvir os gritos das amordaçadas e, por fim, descolonizar o tato para tocar a alma da igualdade de direitos, para que estatísticas como essas, a seguir, possam ser reestruturadas:



A Organização Mundial da Saúde afirma que cerca de 70 milhões de pessoas sofrem com distúrbios alimentares no mundo e a incidência é muito maior entre mulheres; elas são entre 85% e 90% das vítimas dessas doenças, o que reforça o problema social e sexista da idealização da (FERREIRA, 2021, online).

Diante dessas constatações, Ferreira (2021) destaca as consequências da busca por esse padrão de beleza idealizado, como pode ser visto na Imagem 2:

Imagem 2: Reportagem sobre as consequências da busca por padrão de beleza.

do corpo, o que pode gerar insatisfação, dor, angústia e problemas de saúde mental.

### Consequências da busca por padrões de beleza idealizados

A popularização de um estilo de vida dito 'saudável' e o **mundo perfeito das influenciadoras** forjou ainda mais a ideia de que o padrão de beleza pode ser alcançado. Transformações drásticas acabam se tornando comuns para homens e mulheres e o corpo se torna, ao invés de um método para expressão de sentimentos e identidades, um objeto para a apreciação coletiva.

[f](#)  
[t](#)  
[p](#)

"Há uma preocupação excessiva com o corpo. Não só em termos de cirurgias plásticas, mas a quantidade de academias, salões de beleza e de farmácias no Brasil é algo gritante quando você compara com outros países. Essa preocupação estética está naturalizada no cotidiano e não para de crescer", afirma o sociólogo especialista em Saúde Pública, Francisco Romão Ferreira, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Publicidade

DA PRODUTORA EXECUTIVA DE KILLING EYE: DUPLA OBSESSÃO

CAREY MULLIGAN  
**BELA VINGANÇA**

SOMENTE NOS CINEMAS **COMPRE JÁ OS SEUS INGRESSOS**

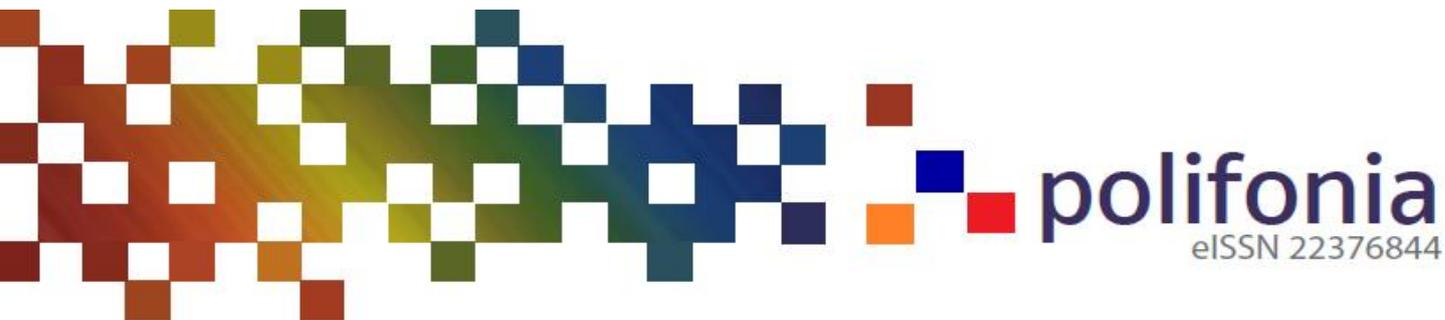
Distúrbios alimentares

Mapa de Caracteres

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/03/padroes-de-beleza-as-consequencias-graves-da-busca-por-um-corpo-idealizado/>

De acordo com a notícia, os transtornos alimentícios como bulimia e anorexia nervosa são desencadeados por *bullying* gerados pela pressão midiática de uma imagem perfeita. Ainda, em acordo com Ferreira (2021) que constatou:

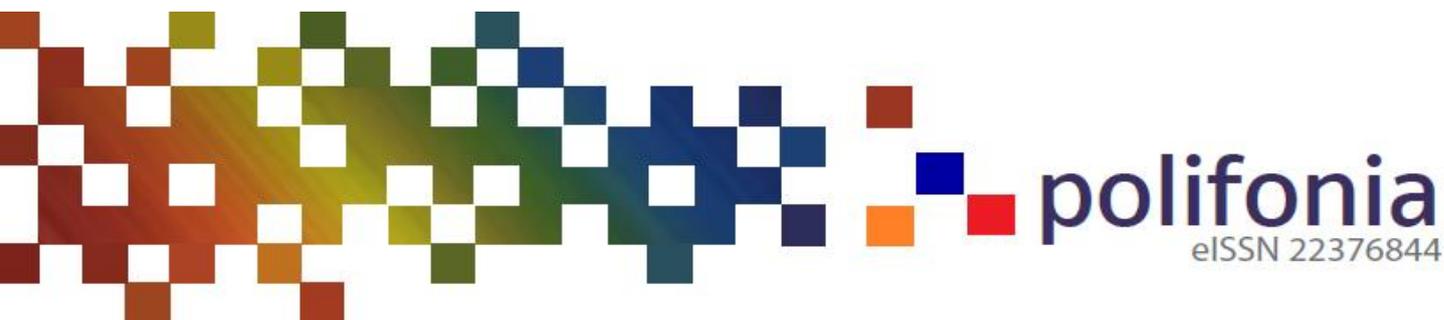
Segundo estudos publicados na revista científica *Frontiers in Psychology*, a contribuição desses fatores sociais é preponderante, mas se alia às questões neurológicas e que, tendo em vista que terapias psicológicas não foram suficientes para a resolução da maioria dos distúrbios alimentares, tratamentos psiquiátricos e pedagógicos também devem ser associados para a reversão do problema causado pelo padrão de beleza imposto socialmente (FERREIRA, 2021, online).



Devido à relevância desses estudos, pedagogicamente, devemos esclarecer as construções sociais relacionadas ao gênero, também, em sala de aula de língua, pois, “uma coisa é certa, gênero é certamente uma variável a ser considerada em todos os campos de conhecimento” (VILHENA, 2011, p. 80). Desse modo, talvez não tivéssemos tantas mulheres escravizadas, mutiladas, violentadas física e psicologicamente pelo patriarcado, pois com o debate em sala de aula, as mulheres poderiam perceber que há, durante séculos, uma perseguição a sua existência e se preparariam melhor para luta, porém, o silenciamento e a ridicularização de gênero é uma política dos poderes que sempre legislaram contra nós, sejam eles religiosos, escolares ou familiares, pois para o capitalismo

A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão – ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 2020, p. 29).

Assim, as armadilhas sociais para o aprisionamento das mulheres são tão alucinantes, a ponto de, hoje, após as inúmeras conquistas de movimentos, o feminino vir à tona, dessa vez, trazendo, infelizmente, a ridicularização do movimento pelas mulheres que gozam de direitos conquistados pelas lutas dessas heroínas que vieram antes de nós. Atualmente, é comum limitar, minimizar, rechaçar o movimento, de mulheres que lutam pelos seus direitos, e reduzi-lo às mulheres descuidadas, ao decidirem não pintar o cabelo grisalho, por exemplo. Wolf (2020) detalha que a desqualificação desse movimento é mais outra construção do patriarcado em suas múltiplas versões. “Outra alucinação surgiu para acompanhar a da Donzela de Ferro. Foi ressuscitada a caricatura da Feminista Feia para atacar o movimento de mulheres. A caricatura não é original. Foi criada para ridicularizar as feministas do século XIX” (WOLF, 2020, p.37). E a autora continua:

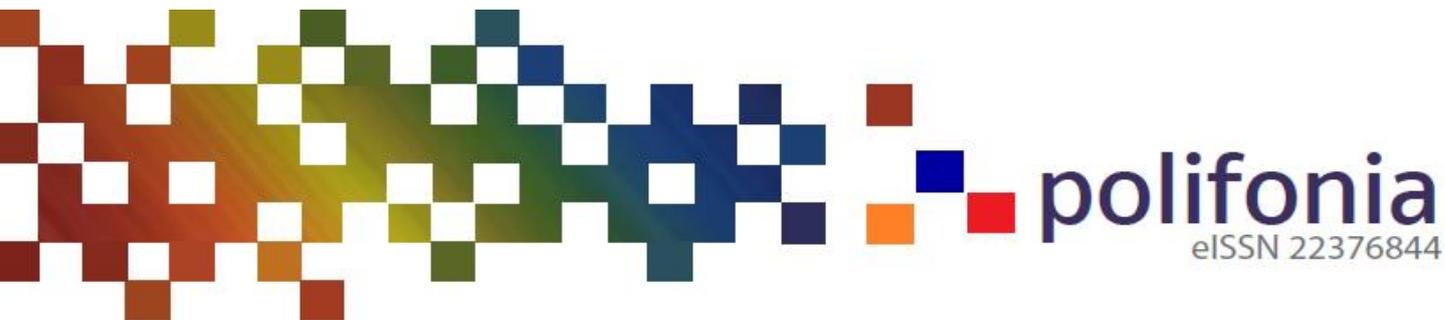


A caricatura recuperada, que procurava penalizar as mulheres por seus atos públicos, prejudicando seu sentido de individualidade, tornou-se o paradigma de novos limites impostos por toda parte às mulheres em ascensão. Depois do sucesso da segunda onda do movimento das mulheres, o mito da beleza foi aperfeiçoado de forma a impedir o avanço do poder em todos os níveis na vida individual da mulher. As neuroses modernas da vida num corpo feminino se espalham de mulher para mulher em ritmo epidêmico. O mito está solapando – de forma lenta, imperceptível, sem que percebamos a verdadeira força da erosão - o terreno conquistado pelas mulheres em luta árdua e honrosa (WOLF, 2020, p.37).

Diante do exposto, fica nítida a sutileza do patriarcado para continuar enfraquecendo nossas lutas e aprisionando nossos corpos e mentes. Na realidade, só se modificam os métodos de tortura, porém, os objetivos do colono são sempre alcançados. Como nos livrar dessas correntes? Como liberar nossos sentidos? Carecemos, urgentemente, lançar o medo, de nos reconhecermos e nos aceitarmos, na fogueira da ilusão a que nos impuseram, a fim de que as tais harmonizações não nos roubem de nós mesmas. Sobretudo, que possamos harmonizar os nossos sentidos, descolonizando-os a partir de debates críticos, principalmente nas salas de aulas de línguas, uma vez que, “para cicatrizar a fissura da mente e do corpo, nós, povo marginalizado e oprimido” necessitamos retomar nós mesmos e nossas experiências na linguagem. (HOOKS, 2008, p. 863).

### **(Re)existir: considerações finais**

Apesar de a colonização continuar imprimindo marcas profundas em nossos corpos, a vontade de libertar nos supera o vale de lágrimas. Contudo, só se pode libertar quem reconhece que está preso, posto que, se há algo que os colonos sabem fazer é pôr a culpa nos colonizados, gerando uma subserviência aterrorizante, esmagando as forças do ser servil. E quando se trata do ser mulher, há uma avalanche de culpas que a impedem, inclusive, de levantar as vistas e perceber que há um horizonte infinito, bloqueando seus sentidos, à maneira da Donzela de Ferro. Não obstante, o fato de a dor ser uma velha



conhecida de todas nós, quando acordamos, dos séculos de sono causado pelo envenenamento de nossas forças, não tememos a luta, uma vez que

Na descolonização há, pois, a exigência de uma entrega completa da situação colonial. A sua definição pode encontrar-se, se se quer descrevê-la com precisão, na frase bem conhecida: «os últimos serão os primeiros». A descolonização é a prova exacta dessa frase. Por isso, no plano da descrição, toda a descolonização é um êxito (FANON, 1965, p.19).

No momento em que a mulher desperta e assume a consciência do que ocorre a sua volta, já se consegue grande êxito, como ressalta o autor. Entretanto, Fanon (1965, p.18) esclarece que “a necessidade dessa mudança existe em estado bruto, impetuoso e constrangido, na consciência e na vida dos homens e mulheres colonizadas”. Assim sendo, torna-se imprescindível que os olhos dos colonizados sejam abertos no sentido de gerar debates sobre gênero, patriarcado, colonizações epistêmicas e ontológicas para que descolonizemos nossos corpos e libertemos nossas mentes para, assim, darmos asas aos nossos sentidos, fazendo-os voar sobre nossas significações de seres reais. De modo que,

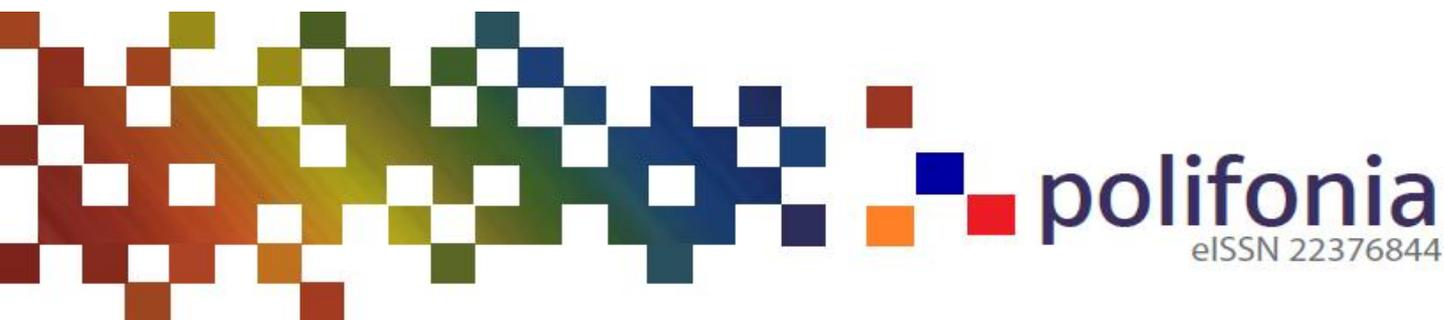
No lugar em que as mulheres estão presas hoje, não [haja] porta a ser batida com violência. Os estragos contemporâneos provocados pela reação do sistema estão destruindo nosso físico e nos exaurindo psicologicamente. Se quisermos nos livrar do peso morto em que mais uma vez transformaram nossa feminilidade, não é de eleições, grupos de pressão ou cartazes que vamos precisar primeiro, mas, de uma nova forma de ver (WOLF, 2020, p. 38).

Assim sendo, para que possamos arrebentar essas correntes é preciso remover as vendas que as linguagens de lá nos impuseram, identificando a primeira delas, caracterizada como glamour; bem como a resistir às fendas escuras dos assédios, em forma de algoritmos. Em seguida, (re) viver e (re)existir, uma vez que:

*O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência.*<sup>8</sup> A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade

---

<sup>8</sup> Grifo da autora.



são “belas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem ser sempre rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos (WOLF, 2020, p. 31).

Não enfatizamos, aqui, que, nós mulheres não podemos fazer harmonização facial e/ou corporal, mas que nos questionemos até que ponto queremos/podemos nos submeter a esses tratamentos estéticos. Ou seja, precisamos refletir se a “nossa” escolha é/foi realmente nossa ou imposição do poder do patriarcado em nossa psique.

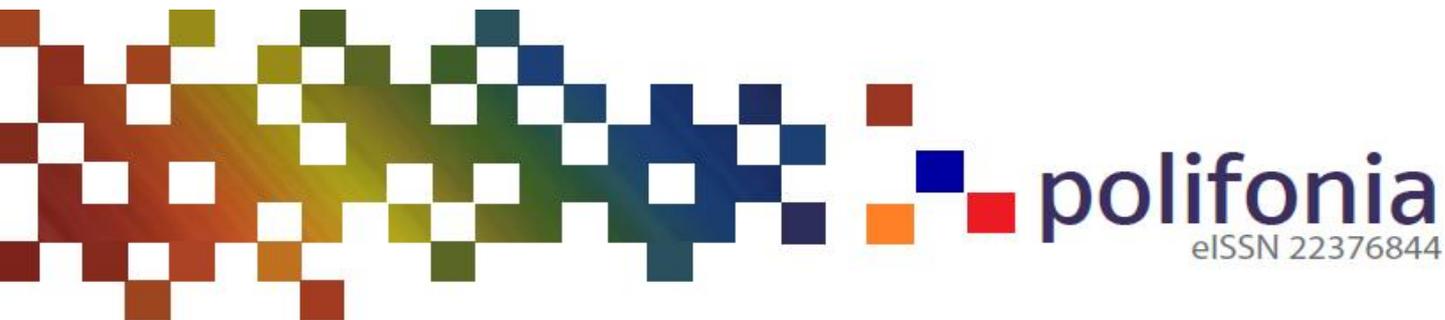
Se for necessário, voltemos ao mar e, de lá, façamos erigir a nós que se naufragou nas naus que não foram construídas por nós nem para nós. Deixemo-nos harmonizar mente e corpo. Assim, descolonizaremos nossos sentidos, limparemos nossas almas e nos devolveremos para as nossas raízes. Enxergaremos outros olhares, ouviremos outras vozes, sentiremos outros odores e sabores e, por fim, tocaremos em nós. De fato, a mulher que domina a linguagem das metrópoles tem muito a dizer e fazer para descolonizar-se!

## Referências

BAPTISTA, L. M. T. R. Minha pátria é minha língua: algumas questões sobre a (de)colonização das línguas e dos sujeitos no ensino de espanhol. **Revista Abehache**, n. 12, segundo semestre. 2017.

BAPTISTA, L. M. T. R. (De) Colonialidade da linguagem, lócus enunciativo e constituição identitária em Gloria Anzaldúa: uma “new mestiza”. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 44, p. 123-145, out/dez, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8974>. Acesso em: 11 de mar. 2021.

BAPTISTA, L. M. T. R. Educação crítica, decolonialidade e educação linguística no Brasil e no México: questões epistemológicas e metodológicas traçadas por um



paradigma-outra. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 35. n. especial. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/49261>. Acesso em: 26 de mar. 2021.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo, Selo Negro, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores: Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira Lisboa. Editora Ulisseia 1965.

FANON, F. **Pel negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo, Ed. Elefante, 2017.

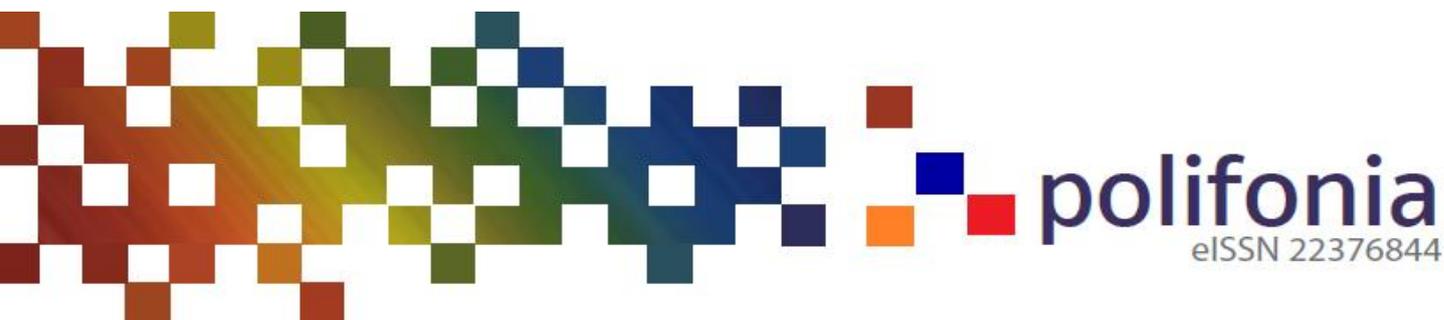
FEDERICI, S. **Mulheres e caça às Bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo, Boi Tempo, 2019.

FERREIRA, Y. **Padrões de beleza: as consequências graves da busca por um corpo idealizado**. <https://www.hypeness.com.br/2021/03/padroes-de-beleza-as-consequencias-graves-da-busca-por-um-corpo-idealizado/>. Acesso em 15 de maio de 2021.

FUCKS, R. *Música Garota de Ipanema, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes*. Disponível em <https://www.culturagenial.com/musica-garota-de-ipanema/>. acesso em 17 de fevereiro de 2022.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25 – 49, jan/abr. 2016.

HOOKS, B. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857 - 864, set/dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GWcB7QS3ZNxr3jn6qj6NHHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.



MENDES, E. O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português. *In*: LOBO, T. et alii. **Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador - BA: EDUFBA, 2012.

MENDES, E.; CUNHA, J. C. (Org.) **Práticas em sala de aula de línguas: Diálogos Necessários entre Teoria(s) e Ações Situadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MENDES, E. Os modos de ação da cultura e seu reflexo no ensino-aprendizagem de LE/L2. *In*: SIMÕES, D. M. P.; FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). **Contribuições da Linguística Aplicada para o professor de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, D. W. **La idea de America Latina: La herida colonial y la opción decolonial**. Traducción de Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona- España: Editorial Gedisa, S.A. 2007.

MIGNOLO, D. W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *In*: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, 2008. p. 287-324.

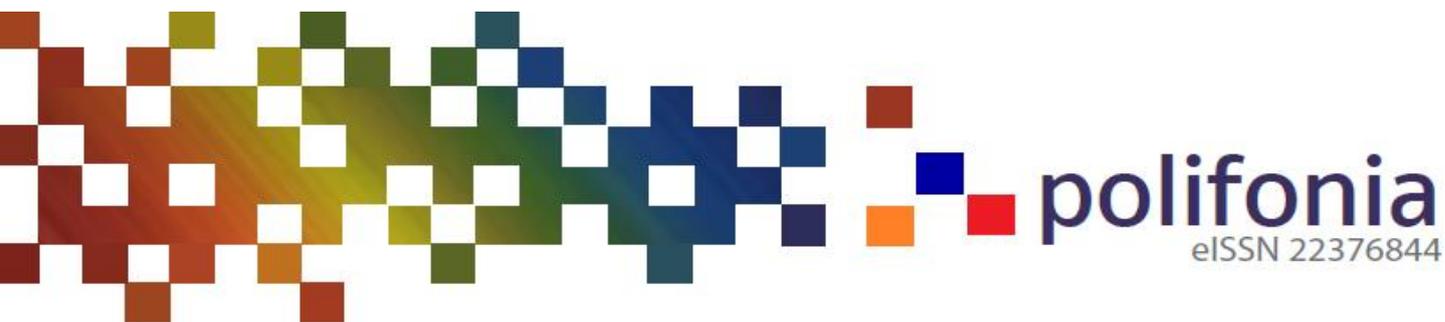
MIGNOLO, D. W. **De la hermenéutica y la semiosis colonial al pensar descolonial con una introducción de Gustavo Verdesio**. Quito-Ecuador Editorial Universitaria Abya-Yala- 2ª edición, 2013.

MIGNOLO, D. W. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira. *RBCS* Vol. 32, nº 94, junho/2017.

PARAQUETT, M. Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros. Brasília: MEC, 2010. **Coleção Explorando o Ensino. Espanhol**, v. 16. p. 137-292. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2011-pdf/7836-2011-espanhol-capa-pdf/file>. Acesso em: 18 de mar. 2019.

PARAQUETT, M.; DORIS, M. (Org.). **Interculturalidade e identidades: formação de professores de espanhol**. Salvador: EDUFBA, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidade-racionalidad. *In*: BONÍLIA, Heraclio (Compilador). **Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.



QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Argentina-Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VILHENA, V. C. **Uma igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

VILHENA, V. C. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. 2016. Tese de doutorado - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós- Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: 2016.

WALSH, C. **La interculturalidad en la educación**. Perú-Lima Ministerio de Educación, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. *En: Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento* (C. Walsh, A. García Linera y W. Mignolo), Buenos Aires: Editorial signo, 2006. p. 21 -70.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir** Tomos I y II. *Serie pensamiento decolonial*. Quito- Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução: Waldéa Barcellos - 14ªed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.